



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14088 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

A REFORMA QUE SE FAZ NECESSÁRIA NO ENSINO MÉDIO HOJE: O RECONHECIMENTO DO JOVEM NA SUA HUMANIDADE.

Maria Cecília de A.S.E. Lins - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO DA PUC-SP

Agência e/ou Instituição Financiadora: NÃO

A REFORMA QUE SE FAZ NECESSÁRIA NO ENSINO MÉDIO HOJE: O RECONHECIMENTO DO JOVEM NA SUA HUMANIDADE.

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo compreender as condições para o desenvolvimento de Projetos de Vida em Ensino Médio de periferia por meio das representações dos Jovens. Buscou-se entender o contexto da desigualdade e da pobreza como fator constituinte da dimensão subjetiva. A metodologia de investigação foi apoiada nas representações sociais e buscou amplificar a voz dos Jovens provocando reflexões acerca do autoconhecimento, da compreensão do contexto em que vivem e dos seus direitos, com o intuito de criar um espaço dialógico para discutirem seus Projetos de Vida. Para esta discussão, criou-se um grupo de 12 Jovens Pesquisadores que por 11 meses reuniram-se mensalmente em uma comunidade. Elegeram-se o reconhecimento intersubjetivo como eixo central desta investigação. Estes Jovens pesquisadores saíram em campo para conduzir uma pesquisa com outros 106 jovens que cursavam o ensino médio público sobre projetos de vida e buscaram também elaborar sugestões para as escolas e professores acerca da temática. O material produzido foi categorizado em três dimensões: A primeira “Quem está falando?”, a segunda dimensão “De onde estamos falando?” e a terceira “Quem podemos ser”. Os dados encontrados ressaltam as relações humanas e o reconhecimento intersubjetivo como o fio (re)condutor dos jovens às salas de aula.

Palavras-chave: Projeto de Vida, periferia, Ensino Médio, Reconhecimento, dimensão subjetiva.

A experiência vivenciada pela pesquisadora como diretora de uma organização social de educação durante a pandemia provocada pelo vírus da COVID-19 em um território de alta vulnerabilidade trouxe um questionamento sobre a naturalização da desigualdade tornando invisível a drama da sobrevivência dos jovens que frequentam o Ensino Médio hoje.

Este estudo teve como objetivo compreender as condições para o desenvolvimento de Projetos de Vida em Ensino Médio de periferia por meio das representações dos Jovens.

Os objetivos específicos traçados para este estudo foram:

1. Compreender o contexto da desigualdade e da pobreza na constituição da dimensão subjetiva dos jovens de Ensino Médio de periferia hoje.
2. Levar os jovens a entenderem sua subjetividade a fim de desenvolverem suas possibilidades na construção de seus Projetos de Vida.
3. Aprender a visão do jovem de periferia sobre Projeto de Vida com o apoio das representações sociais.
4. Colaborar para que os professores reconheçam a voz dos jovens no desenvolvimento dos seus Projetos de Vida.

A relação entre pobreza, desigualdade e educação foi desenvolvida à luz do pensamento de Arroyo, Morin, Santos e Freire e aprofundada por meio de uma revisão integrativa com esses três descritores (pobreza, desigualdade e educação) na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Identificou-se que há implicação da desigualdade na subjetividade dos sujeitos. Arroyo (2014, p.152) afirma: “Os currículos seriam outros se os conhecimentos do seu viver forem incorporados, se as radicais indagações trazidas do seu mal sobreviver forem respondidas, aprofundadas nas escolas e universidades”. As pesquisas integrativas revelaram também as tendências de se naturalizar a pobreza, excluindo de forma silenciosa os sujeitos da escola. Arroyo (2019, p. 111) amplia a discussão desse desamparo do sujeito pelas políticas públicas quando diz que “as políticas de Estado até de escolarização elementar têm tentado mantê-los (os pobres) na miséria resignada, em vidas ameaçadas resignadas, na inclusão excludente”. Essa resignação parece ser uma questão nuclear na complexidade dos dilemas vividos hoje, sobretudo no Ensino Médio. Os jovens aceitam a vida como é apresentada, a escola aceitável, o lazer possível, a merenda permitida, uma lousa preenchida com textos, mas com cadernos vazios de significado. Não poderiam o abandono escolar, o desinteresse pela escola serem evidências desse não reconhecimento desta condição demasiadamente humana de cada um?

Para aprofundar-se na dimensão subjetiva dos jovens, articulou-se alguns pontos

centrais do pensamento desenvolvido por Axel Honneth acerca do conceito de reconhecimento. A escolha deste autor fundamenta-se na hipótese da pesquisadora de que o reconhecimento do outro é o que possibilita o (re)nascimento desse sujeito no mundo. Segundo Honneth (2003 *apud* CENCI, 2013, p. 326) existe três esferas de reconhecimento recíproco e “nas sociedades modernas os sujeitos dependem dessas três formas de reconhecimento social para a formação de sua identidade”. São elas: amor, direito e solidariedade. Para Honneth (2003), a ausência desse reconhecimento intersubjetivo é a motivação para os conflitos sociais. É importante se compreender que a dimensão subjetiva é construída na relação com o outro, de forma intersubjetiva, e por meio do reconhecimento desse outro. Esta fundamentação teórica contribuiu com elementos para levantar hipóteses sobre a luta silenciosa dos jovens, hoje, em sua experiência de vivenciar o Ensino Médio. Em que medida o abandono escolar e a ocupação das escolas em anos passados não revelaram sentimentos de desrespeito e de invisibilidade? Em que medida o que se manifesta não poderia representar uma luta por ser reconhecido em sua subjetividade? É importante destacar que a dimensão afetiva ainda é pouco incluída na sala de aula. O jovem ainda não é visto na sua integralidade. Ilumina-se a sua dimensão racional deixando para fora dos portões da escola os afetos que encharcam a juventude. Este reconhecimento mútuo, intersubjetivo, precisa estar presente na escola. Garantir ao jovem o direito de saber-se, conhecendo quem é, de onde vem, seus sonhos e seus medos e aprendendo sobre seus direitos, faz parte desse processo de reconhecimento. Uma brecha possível encontrada para o reconhecimento desta humanidade é a força e a potência da relação professor aluno. O professor é o fertilizador das relações em sala e é ele quem pode promover o acolhimento do aluno em sala. Também é o mediador de experiências de bem-querer mútuo, de fazer brotar relações de solidariedade na escola. “A sala de aula tem que ser uma oficina de convivência e o professor um profissional das relações. Este é um imperativo da sua prática”. (MAHONEY; ALMEIDA, 2012, p. 85). Na sociedade de hoje, cada vez mais individualista e solitária, é a relação entre pessoas humanas que poderá encher as salas de aula de sujeitos vivos, amparados entre si e engajados no mundo.

Acredita-se que desenvolvimento dos projetos de vida dos Jovens poderia contribuir para ser um espaço de reconhecimento intersubjetivo para todos os jovens. Para aprofundar-se na temática foi realizado uma revisão integrativa com os descritores Projeto de Vida e Ensino Médio na BDTD. Nas diretrizes curriculares da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, projeto de vida foi definido como o “balizador de todas as ações da escola, sendo considerado o coração do projeto escolar no que se refere à prática pedagógica de todos os educadores, aos processos de gestão e às expectativas dos estudantes” (SÃO PAULO, 2020, p. 9). A nova Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p.472) também aponta esta centralidade do Projeto de Vida. “Na BNCC, o protagonismo e a autoria estimulados no Ensino Fundamental traduzem-se, no Ensino Médio, como suporte para construção viabilização do *projeto de vida* dos estudantes, eixo central em torno do qual a escola pode organizar suas práticas”. Na revisão integrativa com os descritores Projeto de Vida e Ensino Médio identificou-se a necessidade de se cuidar da dimensão afetiva não fragmentando o

sujeito entre razão e afeto, e da urgência da formação dos professores como mediadores do desenvolvimento de projetos de vida dos jovens. E o Jovem de Ensino Médio hoje, o que sente, pensa sobre Projeto de vida? O desenvolvimento de Projetos de Vida poderia ser o fio (re)condutor dos Jovens para a escola?

Foi em busca da escuta da voz dos Jovens que foi desenvolvida uma metodologia de abordagem qualitativa e apoiada nos princípios da pesquisa-ação e teve a representação social como suporte metodológico. Esta escolha busca responder a reflexão de Jovchelovitch (2011, p.26) “Como encontramos os saberes dos outros, as representações dos outros, a lógica dos outros?”. A Teoria das Representações Sociais foi escolhida por ser uma teoria psicossocial, por considerar a dimensão afetiva na construção de uma representação e por fim, por reabilitar o *senso comum*(JOVCHELOVITCH, 2011, p. 93). Com esse suporte teórico, foi possível escutar e reconhecer o que pensam os jovens de periferia sobre uma política pública, valorizando e iluminando seus saberes e suas perspectivas. Quatro conceitos desenvolvidos por Jovchelovitch (2011) nortearam o desenvolvimento desta metodologia e a posterior análise de dados: Espaço Potencial, Comunidade, Reconhecimento do outro e, por fim, Encontros Dialógicos.

A pesquisa em campo se deu em uma comunidade de alta vulnerabilidade e seu percurso foi dividido em três etapas: A 1ª etapa foi *exploratória*, cujo objetivo foi se aproximar do contexto dos jovens e de suas subjetividades, testando hipóteses. A 2ª etapa, a de aprofundamento e intervenção foi nomeada pela pesquisadora como *Calma de olhar* e desenvolvida por meio de diferentes dinâmicas e instrumentos. Os temas trabalhados foram: Conhecimento de si, contexto em que vive, direitos e reconhecimento, escola e projetos de vida. Para isso, estes 12 Jovens Pesquisadores foram à campo entrevistar 106 jovens que cursavam o ensino médio público. Por fim, elaboraram um roteiro de sugestões para as escolas e professores sobre as condições necessárias para a implementação dos projetos de vida nas escolas. A 3ª etapa consistiu em encontros de *reflexão* e seu propósito foi a *construção do Roteiro de Sugestões* para as escolas sobre Projeto de Vida na perspectiva dos jovens.

Os dados encontrados foram categorizados em três dimensões estabelecidas a priori. *Quem está falando?; De onde estamos falando?; Quem podemos ser*. As duas primeiras são análises psicossociais para a compreensão do que os jovens pensam sobre si e acerca de seu contexto. O propósito dessas análises psicossociais trianguladas a partir de diversas fontes de dados é revelar a dinâmica e a complexidade das diferentes subjetividades desses jovens atravessadas pelo contexto em que vivem. A terceira dimensão *Quem podemos ser!* busca, por meio da triangulação da subjetividade do jovem com sua compreensão a respeito da escola e sua representação sobre Projetos de Vida, apresentar a potência da afirmação de *quem eles podem ser* a partir de suas sugestões para que a escola tenha mais sentido.

A primeira dimensão *Quem está falando?* expressa a condição humana dos jovens, a afetividade que pulsa em cada um. Encontrou-se as seguintes categorias: como nos sentimos;

nossos sonhos; nossos maiores medos; nossos interesses; o que ninguém consegue ver. Apresenta a tensão entre as forças de vida e as forças de morte que atravessam sua existência. Jovens que se desnudam falando de seus medos e do sentimento de desamparo. Que compartilham sonhos de um bem viver melhor para todos e que, apesar de tanta insegurança, ansiedade, identificam em si uma força vital, potente, de colaboração e de cooperação fundamentais para se viver em comunidade. Essa dimensão subjetiva de jovens periféricos apresenta as nuances de como eles se constituem como pessoa humana ainda não reconhecida na escola. No espaço educativo formal, os superpoderes dos jovens periféricos não estão presentes na sala de aula, assim como seu olhar cooperativo para o bem comum.

A segunda dimensão *De onde estamos falando?* apresenta o contexto de onde os jovens se percebem inseridos. Foram identificadas diferentes camadas desse entendimento e assim subcategorizadas. *É assim* está no nível da descrição; *Sinto, saboreio e ouço* está relacionado às sensações percebidas no território; *É comunidade* expressa o sentimento de cooperação e colaboração experimentada na vida do coletivo; *Lado luz* apresenta o que sentem como bom no cotidiano; *Lado sombra*, o que sentem como ruim no contexto em que vivem; e, ainda, *Consciência resignada*, que traz sinais de desconsciência dos jovens sobre a desigualdade que vivenciam.

A terceira dimensão *Quem podemos ser* é respondida por um Jovem Pesquisador *Somos capazes de tudo!* (suj.9). 30% dos jovens que foram entrevistados em campo sobre Projetos de vida revelam que não possuem projetos. E aqueles que responderam que possuem, colocam a faculdade e o estudo como prioridade. Priorizam o emprego e o trabalho como um meio de conseguir renda para entrar na faculdade. *Sonhar sobre algo é difícil, ainda mais se for um projeto que desejamos realmente alcançar* (res.14).

Por fim, os jovens fizeram recomendações para as escolas e professores onde fica evidente que o acolhimento, o diálogo, a convivência, o pertencimento a comunidade escolar e o reconhecimento intersubjetivo é urgente.

Para concluir esta pesquisa, acredita-se que aqui, por meio da voz de tantos jovens, foram gestados elementos para acriação de uma Pedagogia do Reconhecimento, cuja estrutura cria as condições para que os jovens de periferia possam conhecer suas possibilidades no desenvolvimento de projetos de Vida. As recomendações elaboradas pelos Jovens para as escolas e seus professores centradas nos conceitos de Jovchelovitch (2011) apontam um caminho e condições para o nascimento dessa nova Pedagogia cuja essência é o Reconhecimento da humanidade de cada um. Sonha-se com uma Pedagogia do Reconhecimento que diariamente pudesse se fazer presente nas experiências dos encontros e dos diálogos nas escolas brasileiras, interrompendo o silêncio e o afastamento do sujeito Jovem da escola.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Petrópolis: Vozes, 2014

ARROYO, Miguel. *Vidas ameaçadas: exigências-respostas da educação e da docência*. Petrópolis: Vozes, 2019

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 abr. 2023.

CENCI, Angelo Vítório. Reconhecimento, conflito e formação na teoria crítica de Axel Honneth. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 27, n. 53, p. 323-342, jan./jun. 2013.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Contextos do saber*. Representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2011.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. *Henri Wallon: psicologia da educação*. São Paulo: Loyola, 2012.

SÃO PAULO. Diretrizes Curriculares Projeto de Vida. Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wp-content/uploads/download/Projeto%20de%20Vida/Diretrizes%20Curriculares%20Projeto%20d>. Acesso em: 20 mar. 2023.

